

**Almanach Álbum São Carlos na esteira do tempo 1884 – 1934.** Organizador: Ary Pinto das Neves (1957). Edição Comemorativa dos 150 anos da cidade de São Carlos. São Carlos: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo/Edufscar, 2007.

Belissa do Pinho Jambersi<sup>1</sup>

O presente livro faz parte da coleção “Nossa História” publicada no ano de 2007 pela EdUFSCar em parceria com a Imprensa Oficial, no esforço de fazer uma edição comemorativa no sesquicentenário da cidade de São Carlos. A coleção é composta por catorze livros, entre eles Almanaches, Almanaches Álbuns e outros gêneros literários como prosas e textos informativos, que oferecem importantes registros acerca da História do Município, já que foram reimpressos na íntegra os textos originais da primeira edição. Desta forma, o leitor, ao deparar com a leitura da Coleção “Nossa História”, faz uma viagem aos 150 anos da cidade, como se realmente estivesse em épocas passadas.

“São Carlos na esteira do tempo” foi editado pela primeira vez em comemoração ao centenário da Ferrovia que chegou à cidade no ano de 1884. Foi escrito por Ary Pinto das Neves e por ser tratar de um Almanache Álbum conta com setenta e oito ilustrações de Julio Bruno (1905 -1992), um grande educador e artista plástico são-carlense, tendo sido premiado pelo Ministério da Educação e Cultura. Segundo os autores *“Este álbum é uma tentativa de fixar para as gerações do presente as imagens de uma São Carlos que quase já não existe, a não ser na retina saudosa dos que a viram e a amaram tal qual a viram”* (NEVES & BRUNO, 1957).

É de extrema importância as contribuições do escritor Ary Neves para o município de São Carlos. O escritor (1919 – 2004) nasceu em São Paulo e mudou-se para São Carlos nos anos de 1940. Destacou-se por ser um excelente professor de História, formado pelo magistério oficial na década de 1950, inclusive lecionou alguns anos no Instituto de Educação Drº Álvaro Guião (uma escola com enorme prestígio sócio-cultural da cidade de São Carlos) e, na sua carreira enquanto pesquisador, dedicou-se os estudos na História do Município de São Carlos, tendo escrito vários livros sobre o assunto. Atuou como Diretor do Ginásio Diocesano, do Colégio Militão de Lima e do Departamento de Cultura da Prefeitura Municipal de São Carlos. Após a sua morte, sua biblioteca particular foi doada para o Centro Universitário Central Paulista – UNICEP, no campus 1 de São Carlos, localizado na rua Pedro Bianchi, nº111 Vila Alpes

O livro procura fazer um apanhado geral do Município de São Carlos, desde a sua fundação em 1721, considerando a chegada dos índios guaianases até 1984, momento no qual a cidade já encontra-se evoluída.

Segundo Ary Neves a História do Município são-carlense pode ser dividida em três épocas ápicas para o desenvolvimento da cidade: 1ª São Carlos de Barro fundado no final de 1855, momento no qual a cidade estava nos primórdios de seu nascimento, sendo compostas por casas de palha e barro, e sua condição era determinada por Vila, 2ª São Carlos Estrada de Ferro início de 1880, quando a cidade já passa a ter uma existência legal e começa a trilhar o progresso socioeconômico e 3ª São Carlos do presente início de 1949, momento que marca a crise do café e a entrada das indústrias. É importante ater-se ao fato que última época aborda também o ambiente socioeconômico vivenciado no momento em que o livro foi escrito, em sua primeira edição.

---

<sup>1</sup> Graduanda em Pedagogia pela UFSCar. A obra resenhada faz parte da bibliografia do projeto de pesquisa de Bolsa de Iniciação Científica FAPESP, Processo 2007/05729-8, intitulado “A Escola Normal e a formação da elite intelectual da cidade de São Carlos (1911- 1930): um estudo dos valores republicanos da época”. Orientadora: Prof. Dra. Alessandra Arce (DEd – UFSCar).

Historicamente os primeiros habitantes da cidade de São Carlos foram os índios guaianases que habitavam as nascentes terras do município, nas quais eram integradas também aos sertões de Araraquara. Posteriormente por determinação do capitão-general Antonio Manoel de Mello Castro e Mendonça, o sargento-mor em exercício, Carlos Bartolomeu de Arruda Botelho, abriu nestas terras em 1721 uma estrada que permitia o acesso às minas de ouro que se encontrava em Cuiabá, facilitando a ida e vinda a cavalo dos tropeiros que para lá demandavam bem como atraiu a vinda de audaciosos posseiros que munidos de seus próprios interesses *“rompia a virgindade dos ermos na ânsia de abrir rumos novos em suas vidas, logo substituídos pelos sesmeiros, que escudados na justiça de El Rei, expulsavam os primeiros povoadores ou compravam-lhes os discutíveis direitos”* (NEVES, 1957).

Desta forma se estruturaram juridicamente na cidade três áreas de sesmarias. A mais antiga, Sesmaria do Pinhal, datada em 1781, foi demarcada somente em 1831 por Carlos José de Arruda Botelho, vulgarmente conhecido como *“velho Botelhão”*. A sesmaria do Monjolinho, originada de posse irregular, foi regularizada por carta de doação em 1810, concedida a Felipe de Campos Bicudo. Por último, a Sesmaria do Quilombo, também surgida de posse irregular e a requerimento do posseiro vigário de Piracicaba, padre Manoel Joaquim do Amaral Gurgel, foi regularizada em 1812.

A cidade de São Carlos passa a ter existência legal em meados do Império com o primeiro ato jurídico determinado pela provisão episcopal, datada de 4 de fevereiro de 1857, do bispo de São Paulo, D. Antonio Joaquim de Mello, que autorizou a construção da capela, ratificada pela provisão de 5 de outubro, concedendo a visita, benção e a celebração de cultos divinos. Vale destacar que a política imperial era regida pelo Padroado, ou seja, a estreita união entre a Igreja e o Estado, permitindo a esta a livre interferência nos assuntos políticos e econômicos, como ressalta NEVES (1957): *“São Carlos, como quase todas as cidades surgidas no período colonial e no Império, nasceu em torno de uma capela”* (NEVES, 1957, p. 1).

A economia cafeeira trazida por Carlos José Arruda Botelho, em 1838 trouxe para cidade de São Carlos o rápido crescimento urbano. Não por acaso que os fazendeiros desejassem ter as plantações cafeeiras mais próximas de suas fazendas já que o café estava intimidamente relacionado com o processo de povoamento e logo com a urbanização. Vale destacar que este núcleo urbano procedente do café, desempenhou concomitantemente três funções que se inter-relacionaram e que no tempo cabiam as vilas: centro religioso - era comum da época que toda fazenda tivesse um templo religioso que atraísse fiéis; centro político e econômico – estes gerados pela própria produtividade da economia cafeeira (a mão de obra barata, trabalhadores braçais somadas com a economia alavancada extraída deste serviço).

Ao referir-se sobre a economia da cidade, o bem conceituado professor de História, Ary Pinto das Neves ressalta que:

*“Foi, portanto o café que deu vez ao povoamento rápido das terras são-carlenses, integradas no vasto município de Araraquara, vila desde 24 de agosto de 1833. Os lavradores aqui afazendados eram muitos importantes, tanto que o principal deles, o velho Botelhão, foi o primeiro presidente da Câmara de Vereadores da vila de São Bento de Araraquara”* (NEVES, 1957, p. 2).

Um dos mais importantes marcos na história do município é a elevação de São Carlos a categoria de cidade em 1880 e as conseqüências desta para a vida dos moradores. A introdução da estrada férrea em São Carlos trouxe efêmeras transformações socioeconômicas para a cidade. Os fazendeiros nutridos do desejo de modernizá-la, migram para o perímetro urbano e passam a investir cada vez mais em exuberantes arquiteturas nos esforços de elevar a pequena vila da colina às condições de metrópole:

*“Há uma benéfica emulação entre os grandes fazendeiros por demonstrar o poder e o prestígio construindo bela residência na cidade, que suplante a dos adversários políticos (...) assim as quatro faces do pátio se fecham de mansões de fazendeiros, enricados pela abundância do ouro verde, que se alastra pelas colinas do planalto são-carlense” (NEVES, 1957 p. 21).*

Logo a demonstração de poder e o grau de prestígio eram demarcados por meio das residências nas cidades.

Com o advento da República esta concorrência passa a ser mais acirrada com a propaganda política do governo local, para investir no luxo das arquiteturas.

Gradativamente toda esta modernização decorrente da estrada férrea, contribuiu para o progresso de São Carlos. Ademais a ferrovia proporcionou um sistema suficiente para escoar a produção até o porto de Santos impulsionando ao desenvolvimento econômico da região são-carlense.

E por fim, São Carlos do presente é marcado quando a crise do café financia a indústria:

*“graças a esta volta corajosa para as novas atividades de produção, conseguiu São Carlos atravessar o longo túnel da depressão econômica dos anos 30,40, que fez soçobrar tantas economias locais, aparentemente mais sólidas que a nossa. Graças a isso a cidade reatou a sua marcha de progresso, não se transformando em cidade morta a vegetar no passado” (NEVES, 1957, p.102)*

Sendo assim, o livro é um precioso documento Histórico da Cidade, já que esbanja uma descrição minuciosa procurando relembrar o passado da cidade e na mesma proporção permite à geração nova conhecer mais aprofundado o passado da cidade, além de permitir à geração antiga um eterno saudosismo e preservação, porém como ressalta os autores:

*“A intenção não é apenas saudosista. Estamos conscientes da necessidade do progresso e do imperativo de adequar progressivamente o ambiente urbano às condições novas dos tempos. Mas é também um chamado à reflexão. Para que não se destrua em nome do progresso, a essência (...) aquilo que distingue esta cidade (...)” (BRUNO & NEVES, 1957, p.i).*